

Reaprender a História



Durante oito dias a cultura moçambicana esteve patente no Casino do Estoril, através da literatura, pintura, artesanato, canto, dança e gastronomia.

“QUEREMOS transformar o homem — é esse o nosso trabalho cultural”, afirmou Luís Bernardo Honwana, secretário de Estado moçambicano da Cultura, em entrevista publicada por um semanário português. Quem assistiu e participou na Semana de Moçambique que decorreu entre 23 de Setembro e 10 de Outubro, no Casino do Estoril, pôde verificar que é esta, é com efeito, a preocupação fundamental do trabalho cultural desenvolvido por Moçambique.

Procurando abarcar as principais manifestações culturais do povo moçambicano, esta semana trouxe a Lisboa alguns dos mais destacados e relevantes artistas nos campos da pintura, literatura, escultura, música e dança. Malangata (ver entrevista nesta edição), Bertina Lopes, Machiana, Sansão Cossa foram alguns dos pintores expostos na Galeria do Casino do

Estoril, lado a lado com os escultores Chissano, Mundau Oblino, Jerónimo Dinhausua e Takaula. A par do artesanato, filatelia e fotografia, os portugueses puderam ainda assistir à apresentação de obras da literatura moçambicana de autores como Rui Nogar, José Craveirinha, Mia Couto e Galame da Silva.

Ponto alto desta semana foi a demonstração gastronómica que ela incluiu. Arroz pulau, kati calango, sarapatel, bedgias, chamusas, mitongas, caril, chacutin de pato e mambua, foram alguns dos variados pratos que, sob a responsabilidade de Beatriz Garrido, puderam ser apreciados no Grande salão Restaurante do Casino do Estoril. E a procura, apesar dos elevadíssimos preços, ultrapassou de tal modo as expectativas, que o período destinado à gastronomia foi prolongado por alguns dias mais, relativamente ao inicialmente

programado. Alguns terão satisfeitos os seus desejos, outros, muitos, sem poder económico ou por impossibilidade de tempo, ficarão aguados pelos petiscos.

Mas estes saborosos jantares tiveram, além da comida propriamente dita, um outro tipo de atractivo: a Companhia Estatal de Canto e Dança de Moçambique. Todas as noites, e durante aproximadamente uma hora, este grupo contou através da música, do canto e da dança a secular história do povo moçambicano, desde os pesados anos do colonialismo, até à construção do socialismo, passando pela luta armada de libertação nacional.

Música: expressão natural dos povos africanos

Falar da música africana é falar da forma mais autêntica através da qual comunicam e se expressam os



povos de África. Através dela se podem descortinar os rituais, as crenças, as lutas, as tristezas ou alegrias de cada povo, em cada região, em cada cultura. Suporte do canto e da dança, do corpo que tão bem traduz todos os sentimentos, que vibra nos ritmos e melodias, a música africana chora e ri, deseja e luta. Através dela manifestou o povo moçambicano a sua revolta. Através dela, ainda, glorifica hoje a independência e a solidariedade para com outros povos. O espectáculo que a Companhia Estatal de Canto e Dança de Moçambique apresentou em Lisboa,

na Fundação Calouste Gulbenkian, um dia antes de se dar início à Semana de Moçambique, conta a história do seu povo. Das danças tradicionais, do Norte ao Sul do país, dos ritos de iniciação até aos agradecimentos à terra fecunda, a Companhia foi mais longe, adaptando-as aos novos tempos, à nova realidade de um povo que encontra na música o código possível.

Também o colonialismo se encarregou de ajudar o povo moçambicano a se expressar pelo canto e dança. O analfabetismo que impôs, foi impedindo outras formas de expressão que o texto

permite. Actualmente, o teatro não conseguiu ainda, apesar dos esforços desenvolvidos nesse sentido pelos organismos estatais, assumir a naturalidade e a veracidade que a música assume. O drama, a representação, os actores, são bailarinos, cantores ou músicos, são todo o povo que sempre dançou e cantou, que bebeu na natureza os ritmos e sons, que não foi à escola aprender a comunicar. Formada em 1979, a Companhia Estatal de Canto e Dança começou por ser um grupo amador, com trabalhadores, estudantes e elementos das Forças Populares, ori-

As danças de Moçambique

O espectáculo apresentado em Portugal pelo Grupo Estatal de Canto e Dança de Moçambique incluiu danças do norte ao sul daquele país. Das danças tradicionais esta companhia criou danças revolucionárias.

Xigubo

Tradicionalmente o Xigubo era dançado para festejar as vitórias militares e também como forma de preparar os guerreiros, física e militarmente, para o combate. Os dançarinos vestiam os seus trajes de guerra, empunhavam as suas armas, traduzindo nos passos e movimentos as várias fases da luta. O ritmo é marcado por tambores e gululas. Durante a dança são entoadas canções que estimulam os guerreiros para o combate.

Nondje

Esta dança surge durante a luta armada de libertação nacional, como evolução da dança Limbonde, de Cabo Delgado.

O Nondje (que significa embondeiro — árvore grande), para além da representação de algumas actividades sociais e de produção, é a demonstração, em termos de dança da luta de libertação nacional desencadeada pela Frelimo.

Makhwaya

É uma dança da província de Sofala, no centro do país, que se executa em todos os momentos de alegria.

Homens e mulheres celebram com alegria a Independência Nacional.

Ngoma

Ngoma é originariamente uma dança de preparação para a guerra e demonstração das batalhas travadas pelos guerreiros Ngoni, da província de Tete.

Marrabenta

Dança originariamente conhecida por Magica, expandiu-se por toda a região rural do Sul do país.

Na década de 50, Magica é reconvertida em dança de salão, passando a ser conhecida e dançada em todo o país, com o nome de Marrabenta.

Niquetxe

Niquetxe é uma forma de expressão cultural de

grande parte da população da Zambézia, que ganhou força na dureza do trabalho forçado das plantações de chá sob o controlo das grandes companhias.

Antigamente esta dança, era executada por ocasião de um falecimento, geralmente seis meses após o enterro. Hoje, porém, é dançada por homens, mulheres e crianças em qualquer altura do ano.

Os dançarinos usam saias de palha ou de pele de animal e latas atadas às pernas, que produzem um som característico enquanto dançam.

Semba

Esta dança de amor, originária da província de Sofala, exprime o sentimento dos jovens apaixonados, as suas pequenas brincadeiras.

Dança alegre, bela, movimentada e que exige muita agilidade, é praticada hoje em muitas províncias do país, principalmente por jovens e continuadores, que nela introduzem várias histórias e temas.

Nganda

Originária do litoral do lago Niassa, o Nganda é uma dança em que os homens manifestam a alegria pelos sucessos obtidos na pesca ou após as colheitas e ainda pelas vitórias guerreiras.

Foi uma dança que se desenvolveu no século passado, altura dos combates que, movidos pelos interesses dos chefes, se destinavam a capturar escravos para os vender na costa de Moçambique.

Ndokodo

É uma dança originária da província de Sofala, antigamente executada pelos velhos, nos habituais convívios da aldeia, sempre acompanhados da bebida tradicional.

Dançada por homens e mulheres, não tem regras rígidas. Os passos, acompanhados pelo ritmo estonteante de tambores, são constantemente improvisados, de acordo com a agilidade e destreza de cada dançarino. É uma dança essencialmente colectiva.

Mapiko

A dança do Mapiko é, sem dúvida, a mais conhe-

ários de todos os pontos do país: O intercâmbio dos conhecimentos regionais possuídos por cada elemento, permitiu um aperfeiçoamento colectivo e actualmente o norrenho dança os ritmos do sul como se da sua região se tratasse. David Abílio Mondlane é um dos grandes obreiros do grupo. A seu cargo está, além de toda a direcção do grupo, a coreografia e encenação.

Composta por trinta e três elementos, a Companhia efectuou já digressões à América Latina, África e Europa, onde ganhou uma medalha de ouro no "Berliner

Festtag", na República Democrática Alemã.

Ao Casino do Estoril coube o mérito desta iniciativa cujo balanço é, sem dúvida, positivo. Colónia portuguesa durante quinhentos anos, Moçambique é, contudo, um país por desbravar para a maioria dos portugueses. De lá chegavam as notícias da guerra, dos filhos mortos, de um ou outro parente que para ali fora à procura de melhores dias. Da cultura, da luta, da verdade deste país, pouco se sabia. Hoje o povo moçambicano é um irmão soberano do povo português. É mais do que chegada, pois,

a altura, de sabermos novas desta África amiga. A provar o interesse dos portugueses por Moçambique, esteve a enorme afluência e aderência à esta Semana Cultural. Muitos, a grande maioria do povo português, não teve no entanto, possibilidade de contactar com a realidade cultural moçambicana.

É imperioso que, à semelhança desta iniciativa, outras se façam, mais acessíveis e, porque não, por iniciativa do governo português.

O caminho está aberto. Começemos então a percorrê-lo, assumindo a história sem complexos.

(Guimomar Belo Marques)



ANO 19

a de ter acabado com o obscurantismo que muitas danças tradicionais transmitiam e cultivavam.

Limbundu

É uma dança que, não tendo uma tradição tão antiga como o Mapiko, tem, apesar disso, uma grande divulgação e prática, principalmente nos distritos de Mueda e Macomia.

Esta dança surgiu após o início da luta armada de libertação nacional, podendo ser dançada tanto por homens, como por mulheres e crianças.

Makhwaya

Makhwaya do Sul do país é uma dança satírica, que faz a crítica social e põe a ridículo comportamentos negativos e acções inimigas.

O tema da canção refere a determinação do povo moçambicano: "Vamos esmagar os bandidos armados e não armados."

Zore

É uma dança que antigamente era executada pelos bitongas, após as colheitas agrícolas. Realizava-se principalmente nas noites de lua-cheia, pois esta constituía um símbolo de fertilidade.

Era apresentada nas festas organizadas pelas autoridades tradicionais para comemorar o fim das colheitas e integrada em concursos de danças entre os grupos de várias regiões.

Normalmente a dança é executada por mulheres, em trepidantes movimentos de anca, nádegas, barriga e pernas, enquanto os homens tocam tambores.

As canções entoadas nos seus coros tiveram sempre, como tema dominante, a crítica social, referindo-se a régulos e chefes que maltratavam as populações, às mulheres que abandonavam a família, etc.

Hoje, Zore é dançado em várias províncias do país e as suas canções apoiam a luta desenvolvida pelo povo moçambicano.

Makwaela

Partindo de Moçambique, a Makwaela é levada às minas sul-africanas pelos trabalhadores moçambicanos, adquirindo aí qualidade de espectáculo. Ali, os mineiros moçambicanos praticam-na nas "horas mortas", após o trabalho.

No seu regresso, essa Makwaela reinventada é, por eles, trazida e integrada, sob o mesmo aspecto formal, na comunidade de origem

cida de Cabo Delgado e mesmo uma das mais famosas em todo o país, chegando a sua fama a ultrapassar fronteiras.

Na sociedade tradicional, esta dança assumia um carácter ultra-secreto, podendo apenas ser presenciada por homens e por rapazes já iniciados. Todo o material necessário à dança, como máscaras, roupas e tambores, estavam guardados em lugares secretos longe da aldeia, que tinham o nome de "imbomba" ou "licuta". Neste local os dançarinos eram vestidos com a ajuda de vários elementos, dada a complexidade do traje. O dançarino não podia ser reconhecido pela assistência, pelo que todo o seu corpo estava coberto de panos, tendo na cabeça a célebre máscara, feita de uma madeira muito leve chamada "N'tene". A máscara tanto podia representar figuras de animais (coelho, leão, cão, etc.), que, neste caso, simbolizava o antigo tótem do clã (animal sagrado para cada grande família), como podia representar uma figura humana, simbolizando o espírito invocado de um defunto.

Todo este aparato e mistério à volta da dança do Mapiko tinha a função particular de vincar a supremacia do homem sobre a mulher.

Hoje, porém, a dança do Mapiko é, de entre todas as danças moçambicanas, talvez aquela que mais alterações sofreu, tendo encontrado o seu papel exacto dentro da cultura revolucionária que se pretende construir. Com efeito, a longa experiência da criação do homem novo nas áreas libertadas de Cabo Delgado teve, além de muitas outras consequências,